

ESTÉTICAS DE EXISTÊNCIAS DE JOVENS PANTANEIROS E CURRÍCULO: ENTRE PÂNTANOS E LAÇOS.

Tiago Silva Rabello (PPGedu/UNEMAT) – tiagorabello345@gmail.com

Dr^a. Maritza Maciel Castrillon Maldonado (PPGedu/UNEMAT) maritza@unemat.br

GT 3: Educação e Diversidades Culturais

Resumo

O pantanal mato-grossense abrange uma grande extensão territorial, com uma exuberante diversidade, não apenas na fauna e flora, como também humana. Constata-se a presença de nações indígenas, comunidades quilombolas, comunidades tradicionais ribeirinhas e rurícolas. Toda essa diversidade reverbera em uma das instituições mais emblemáticas e importantes da sociedade: a escola pública. Os desafios implícitos e explícitos presentes no processo de ensino da filosofia, exige a busca constante de caminhos mais dinâmicos onde a filosofia possa encontrar abrigo na simplicidade excêntrica e plural, observável em seus estilos de vida. O jeito mateiro de ser, o linguajar característico, o jeito de se vestir, o uso das botas, do boné característico, a cuia de tereré, o ritmo da conversa e os assuntos típicos ao cotidiano deles, ao mesmo tempo que pode possibilitar um olhar de estranhamento, também permite a inserção de uma filosofia da diferença. O objetivo deste estudo consiste em problematizar como as estéticas de existências dos jovens pantaneiros movimentam o ambiente escolar e constituem laços com o currículo. Elegemos a pesquisa de natureza qualitativa por meio de um processo de investigação cartográfica dos saberes, práticas e desejos comuns dos jovens pantaneiros.

Palavras-chave: Estéticas, Existências, Jovens pantaneiros, Currículo.

INTRODUÇÃO

O pantanal mato-grossense abrange uma grande extensão territorial, com uma exuberante diversidade, não apenas na fauna e flora, como também humana. Constata-se a presença de nações indígenas, comunidades quilombolas, comunidades tradicionais ribeirinhas e rurícolas. Toda essa diversidade reverbera em uma das instituições mais emblemáticas e importantes da sociedade: a escola pública. Poconé - MT, cidade situada a 100 quilômetros da capital, agrega toda essa diversidade convivendo com situações complexas quanto aos fatores socioeconômicos condizentes a um município que ocupa hoje a 118^a posição em Índice de Desenvolvimento Humano - IDH no estado de Mato Grosso- MT.

Na condição de professor de Ensino Médio da Rede Estadual de ensino público, no município de Poconé – MT há 9 anos, passando por variadas unidades escolares, as diferentes experiências docentes me possibilitaram uma considerável compreensão acerca dos hábitos, costumes, vivências e saberes presentes no estilo de vida desses jovens pantaneiros. Nesses caminhos traçados ao longo da vida docente, pude perceber que os saberes e modos de vida concretizados pela/na realidade cultural pantaneira vivenciada e consubstanciada por

gerações, a mais das vezes são inferiorizados ou mesmo desprezados diante dos saberes hegemônicos correntes que, por sua vez, permeiam o currículo do ensino médio.

Em nosso processo de pesquisa com a cartografia de escolas objetivamos pensar a reforma do Ensino Médio, explicitada na nova Base Nacional Comum Curricular- BNCC, e nos posicionarmos em relação a ela. Observa-se nesse novo projeto neoliberal um apelo explícito à uma formação mais técnica e condicionada aos interesses do grande capital direcionada aos filhos da classe trabalhadora. Essa realidade se tornou mais evidente, pois com essa proposta impõem-se como um cerceamento à uma formação humanística mais ampla e integral, em detrimento da imposição de componentes curriculares (itinerários formativos) que visam destacar como importância formativa o desenvolvimento de competências voltadas para a competitividade econômica, por meio da disciplina denominada “empreendedorismo”.

Trata-se aqui, então, de tecer mapas dessas estéticas de existências que se estabelecem como práticas e costumes comuns aos jovens pantaneiros; elementos que se mostram resistentes ao *status quo* promovido pelos saberes tradicionais presentes no currículo consagrado pelos costumes e práticas típicas em uma sociedade capitalista, possibilitando rupturas e rumores capazes de reafirmar as práticas e costumes culturais repassados por gerações, como constitutivos de novos laços alternativos perante o currículo tradicional.

DESENVOLVIMENTO

A pesquisa, em fase inicial, é caracterizada como qualitativa e será desenvolvida em dois momentos: no primeiro momento será realizada uma análise documental e bibliográfica de cunho arqueo-genealógico; no segundo momento será realizada uma cartografia acompanhando fios de composições subjetivas de jovens que movimentam o ensino médio da Escola Estadual Dom Francisco de Aquino Corrêa, Poconé MT, localizada no Distrito de Cangas.

A fim de atender aos objetivos propostos para a investigação, serão selecionados 30 estudantes (10 de cada turma) em três turmas sequenciais do ensino médio: 1º, 2º e 3º anos, pois os estudantes que a elas pertencem, vivenciam um momento final da formação básica, e experienciam um momento decisivo em suas vidas: permanecerem em seus espaços, mudar ou reafirmar seus costumes de origem, valores e hábitos estetizantes.

Diante do exposto, nos propomos a compor uma cartografia das práticas comuns expressas no cotidiano desses jovens que reverberam em outros espaços habitados e são capazes de desenhar estéticas de existências plurais e singulares, em uma rede de

multiplicidades, e questionamos: as existências dos jovens pantaneiros em seus respectivos espaços de vivência e convivência, que os envolvem na condição de habitantes pantaneiros e estudantes do ensino médio, acrescentando e unindo diversidade diante de variadas práticas e costumes comuns, constituindo currículos no espaço escolar.

Assim, desdobram-se as questões em pistas possibilitando compreender quais as relações de poder permeiam esse processo, engendrando saberes outros que, inerentes à diversidade cultural humana, reverberam em subjetividades labirínticas e rizomáticas, tão essenciais na constituição de sujeitos plurais? Inicialmente partiremos das seguintes pistas: O estilo mateiro, o linguajar característico, o modo de se vestir, assim como o uso das botas, as críticas levantadas sobre os problemas políticos, sociais e econômicos manifestos em Poconé, além do boné característico, a cuia de tereré ditam o ritmo da conversa e os assuntos típicos ao cotidiano deles.

Utilizaremos a cartografia como metodologia de pesquisa no sentido em que esta foi proposta por Gilles Deleuze e Félix Guatarri nos cinco volumes que constituem os Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, obras publicadas no Brasil inicialmente em 1995.

A cartografia se constitui como um procedimento, um processo que captura a realidade expressa em seu próprio fazer-se, em seu movimentar-se, em sua processualidade, compondo mapas conceituais, sendo que nossa proposta será a de utilizá-la para problematizar as estéticas de existências desses jovens pantaneiros, como uma linha condutora de potências e forças na captura das narrativas que aqui nos interessam; assim, pode-se compreender que “O mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói.” (DELEUZE e GUATARRI, 2011, p.30). A cartografia como procedimento concebe-se, portanto, como um caminho que se faz ao caminhar.

Importante reafirmarmos que cartografia da qual estamos falando se difere, portanto, da cartografia utilizada na Geografia, pois “A prática de um cartógrafo diz respeito, fundamentalmente, às estratégias das formações do desejo no campo social. E pouco importa que setores da vida social ele toma como objeto.” (ROLNIK, 1989, p.34).

Destacamos, ainda, que a cartografia é construção e não reprodução, ou mero decalque, pois aqui “O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações o tempo todo.” (DELEUZE e GUATARRI, 2011, p.30).

Outrossim, cabe ressaltar também que, em nosso caso, traçaremos mapas

especificamente das estéticas de existências de jovens pantaneiros e como essas estéticas reverberam na escola e constituem/movimentam currículos; assim, não se trata de traçar linhas acerca de saberes estereotipados, preestabelecidos, mas de ousar ir além da concepção binária de conhecimento proposta pelos modelos clássicos de epistemes.

Nesse percurso, estéticas de existências em suas potências e devires serão mapeados, uma vez que esses saberes configuram *rizomas* em que as “multiplicidade, linhas de fuga, intensidades, agenciamentos maquínicos e seus diferentes tipos, os corpos sem órgãos e sua construção, sua seleção, o plano de consistência, as unidades de medida em cada caso” (DELEUZE e GUATARRI, 2011, p.19), criam conexões em redes que podem constituir currículo. Uma cartografia que seja capaz de mapear os momentos em que “escola, multiplicidades e desejos” mostrem-se passíveis de conciliação (MALDONADO, 2009, p.10).

Não obstante, uma cartografia lida com agenciamentos, devires, pois

Se a cartografia como ciência trabalha com territórios e suas representações, de modo semelhante, opera-se com a metodologia cartográfica. Toda pesquisa opera em campos, em territórios de naturezas distintas: filosóficos, sociais, artísticos, sentimentais, e assim por diante, e nestes territórios, encontra-se o pesquisador, que transita por entre os territórios possíveis em uma pesquisa. (OLIVEIRA e RICHTER, 2017, p.20-30)

Assim, nosso trabalho nessa pesquisa será composto de agenciamentos e devires em meio a encontros e desencontros possíveis, tendo o campo como potência e cômicos de que conhecer também é produzir a realidade em caminhos que se redefinem em ramificações pantaneiras e em laços curriculares, empreendendo sempre uma ação/interação no mundo em consonância com as estéticas de existências presentes em múltiplas manifestações. Isto posto, defendemos que

No método cartográfico, não buscamos um resultado, uma conclusão de fatos, e sim, pensamos o próprio processo de pesquisa, em si: suas etapas, seus desvios, seus “erros”, e tudo que dali puder vir a se tornar potência para a pesquisa. (OLIVEIRA e RICHTER, 2017, p.20-30)

Cartografar acontecimentos, devires, processos rupturas comuns aos processos de constituição fenômenos passíveis de observação. Uma pesquisa cartográfica se inicia pelo processo, não pela representação. Temos de tomar todo o cuidado com as armadilhas nesse processo. Em uma pesquisa cartográfica, somos necessariamente surpreendidos no próprio processo de pesquisar. Uma das armadilhas da qual precisamos escapar é a dos modelos representacionais.

Considerações Finais

Embora a pesquisa ainda esteja em fase inicial, compreendemos que a mesma nos

permitirá acompanhar movimentos da experiência vivenciada pelos jovens que adotam estilo de vida pantaneiro, e compreender como essas reverberam ou constituem laços com o currículo escolar.

Inicialmente iremos desenvolver uma investigação acerca das relações de saber e poder dos discursos presentes no cotidiano e espaços habitados por esses jovens, além de compor cartografias sobre suas práticas, costumes e desejos tão comuns, traçando mapas dos acontecimentos de suas vidas na comunidade e na escola.

Ademais, buscaremos cartografar o que produz essas relações de poder que permeiam o processo de construção do conhecimento e dos elementos que constituem o ser, engendrando saberes outros que reverberam em subjetividades labirínticas e rizomáticas, tão essenciais na constituição de sujeitos plurais.

Outrossim, nos propomos demonstrar com os resultados da pesquisa que os saberes, práticas e estilos de vida dos jovens pantaneiros reverberam positivamente no currículo escolar, contribuindo com a diversidade cultural bem como com a constituição de uma vida mais bonita e agradável diante do que cotidianamente se nos é apresentado pelo sistema capitalista, tão afoito em desprezar e destruir identidades e potencialidades rizomáticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs 1: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Ed. 34/1995, 3ª reimpressão, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MALDONADO, Maritza Maciel Castrillon. O Espaço Pantaneiro Cenário de Subjetivação da Criança Ribeirinha. Niterói – RJ: 2009.ROLNIK, Suely. Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola**: uma questão pública. Tradução de Cristina Antunes. -2. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

OLIVEIRA, Andréia Machado; RICHTER, Indira Zuhaira. Cartografia como metodologia: uma experiência de pesquisa em Artes Visuais. PARALELO 31, EDIÇÃO 08. JULHO DE 2017.

GUATARRI, Félix; ROLNIK, Suely. Micropolítica: Cartografias do Desejo. Petrópolis: Vozes, 1996.